

Nem todo dia é dia de índio

Expulsos das reservas, Caingangues e Xoclungues vivem em favelas no centro de Chapecó, em busca da terra que pertenceu aos antepassados

MARCOS HOROSTECKI

Chapecó — Um novo desafio para persistência da cultura indígena está surgindo no Oeste do Estado. Em Chapecó, a principal cidade da região, o crescimento urbano já engoliu grupos inteiros, deixando como única alternativa para os índios a vida numa espécie de favela, onde a pobreza e a falta de condições de higiene são muito piores que numa favela urbana comum.

Segundo um cadastramento realizado este ano pela Funai, pelo menos 180 indígenas, remanescentes das tribos Caingangue e Xoclungue, vivem em condições desumanas nos arredores de Chapecó. Eles deixaram as reservas, como mandavam as suas culturas, para fixarem residência na região onde seus antepassados viviam. Mas estão encontrando apenas a fome e a intolerância do homem branco, que não aceita conviver com eles, e não entende nem ao menos o jeito simples de viver do índio, que também tem evoluído para conseguir melhor adaptação na "selva de pedra".

A maior concentração de índios migrantes de Chapecó está estabelecida praticamente no centro da cidade, a poucas quadras da prefeitura. Ali vivem 35 famílias da tribo Caingangue, numa área em que sequer poderiam ser construídas duas residências de porte médio. Onde não há energia elétrica, banheiro ou água encanada e resistem ao tempo 35 barracas de lona, remendadas com papelão. "Muito diferentes das casas indígenas do passado, feitas como madeira forte e sapé", lembra o conselheiro do grupo, Deversindo Fo-ú.

De acordo com ele, os índios tiveram de construir suas moradas de acordo com o material disponí-

vel na cidade. Mas isso não significa que eles perderam ou esqueceram os costumes, que são facilmente identificados. No acampamento, a língua oficial ainda é o dialeto Caingangue e o sentar de cócoras ainda persiste. Bem como o artesanato, única atividade econômica e responsável pelo sustento das famílias, já que conforme o conselheiro, não há muito mais o que fazer senão esperar pelo auxílio do homem branco.

SELVA DE PEDRA

Para Deversindo o que prejudica o grupo é a impossibilidade de contato com a mata. Sem esse convívio, os índios não têm mais oportunidade de caçar ou catar frutas. "Antigamente não era assim. Podíamos pegar as frutas aonde elas estivessem e a caça era farta", continua. Hoje não é possível nem ao menos a composição de chás e remédios caseiros para a curas das doenças. O caminho para o indígena doente é o mesmo seguido pelo branco de baixa renda: o posto de saúde. "Toda riqueza da mata desapareceu e com ela se foram as possibilidades de cura para centenas de doenças. Muitas desconhecidas pelo homem branco", reclama.

Mesmo com todas as dificuldades, o acampamento já existe há quase dois anos. Além da Funai, os índios também são visitados pela assistência social do município e já estão sendo recebidos pela rede local de ensino. Todos os dias 30 crianças indígenas freqüentam as aulas num colégio próximo do acampamento e estão estreitando ainda mais a relação dos costumes entre índios e brancos. "Utilizamos pouco as nossa cultura, é verdade, mas estamos conseguindo sobreviver", garante o índio.



ELIANE FISTAROL

FAVELA INDÍGENA: Longe da mata, povo luta contra a falta de água e saneamento, problemas próprios da vida urbana

Grupo reivindica reserva onde possa plantar para sobreviver

O principal problema do grupo indígena, de acordo com o conselheiro, não é a falta de condições de higiene nem a pouca comida, mas de um local adequado para que famílias possam viver. Uma pequena reserva, não muito distante da cidade, da terra que um dia foi deles.

Conforme o índio, Valdemar da Silva, também membro do conselho que administra o acampamento, o grupo está começando a se organizar para conquistar a sua própria reserva. Os líderes do acampamento estão se reunindo praticamente todos os dias para discutirem meios e propostas para tanto. "Estamos buscando informações históricas e a compreensão das pessoas que trabalham com isso para organizarmos esta conquista", explica o índio.

Para Silva não há espaço onde vivem os índios atualmente para que eles consigam sobreviver e por isso é preciso que o grupo seja levado para um novo local, onde ele possa recuperar suas raízes e sobreviver da agricultura. "Mas esta terra não pode ser muito longe da cidade. Afinal quem primeiro viveu aqui foi o índio e isso é o que nós tentaremos provar",

argumenta o índio que acredita ser perfeitamente possível uma melhora nas condições de vida do grupo, caso ele seja levado para um local onde poderá produzir, fazer seu artesanato e manifestar livremente seus usos e costumes. "Nós pretendemos buscar auxílio onde for possível e conseguiremos esta oportunidade", finaliza.

LAUDO ANTROPOLÓGICO

Depois de tentar por diversas vezes levar os índios de volta às suas reservas de origem, localizadas em municípios gaúchos vizinhos a Chapecó, a Funai pretende agora solucionar definitivamente o problema da migração indígena na região. Em parceria com a Universidade do Oeste (Unoesc) e a Universidade de Londrina (PR) a intenção segundo o administrador regional do órgão, Irani Cunha da Silva, é realizar um laudo antropológico em toda a região para conseguir levantar indícios da existência indígena no passado e embasar a concessão de uma nova reserva ou área de terra. Mas tudo ainda depende de um sinal verde da

sede da fundação em Brasília.

Por enquanto, garante o administrador, a sede regional do órgão tem se esforçado ao máximo para conseguir atender também o grupo de índios "sem-reserva". Mas são desempenhadas somente medidas paliativas e de emergência, admite Silva. A melhoria de condições de vida para o grupo indígena só deve chegar com a transferência para uma área fora da cidade, acredita. "Se bem que já constatamos que as próprias reservas estão se transformando em verdadeiras "fábricas de sem-terras", continua.

Assim que for autorizado na capital federal, garante Silva, o laudo antropológico deve ficar pronto em três meses e apontar principalmente referências sobre a existência indígena regional. Ele deve se constituir, avalia o administrador, na saída mais rápida para o problema vivido pelos índios migrantes que vivem na periferia da cidade. "Tínhamos uma política que dizia que os índios tinham que retornar às reservas. Mas a gente percebeu que eles não querem isso e que teremos que resolver o problema deles", conclui.